

O FUTURO DO PASSADO: OS ARQUEÓLOGOS DO NOVO MILÊNIO*

por

Arno Alvarez Kern**

1. INTRODUÇÃO

A sociedade imagina os arqueólogos, algumas vezes, de maneira muito caricatural e com os olhos do cinema produzido em Holywood. Trata-se de um bando de aventureiros, sem emprego fixo e sempre às voltas com tesouros enterrados, múmias sinistras, cidades perdidas, templos em ruínas, ossos velhos, cacos de cerâmica e pontas de flecha. Em resumo, trata-se de uma vida perigosa de heróis em paisagens longínquas e uma carreira universitária marcada pelos salários insignificantes, sem a menor chance de um dia ficarem ricos¹.

Na realidade existe uma imensa diferença entre esta imagem um pouco mítica, mas atraente, que o homem comum faz dos arqueólogos e as práticas rotineiras e quotidianas das atividades dos arqueólogos. O homem da rua fica muito espantado quando os arqueólogos profissionais afirmam que Indiana Jones é o “anti-modelo absoluto”, principalmente naquilo que ele encarna de individualismo e de busca do objeto raro, em contraste com o trabalho em equipe e a busca dos testemunhos anônimos dos homens do passado².

* Estas reflexões são o resultado de uma pesquisa específica na bibliografia arqueológica, mas estão igualmente embasadas nos autores utilizados para a elaboração de um texto publicado anteriormente (KERN, Arno Alvarez. “O perfil dos historiadores no novo milênio”. *Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH)*: 19: 3-17, 2000.

** Arqueólogo e Historiador. Doutor em Arqueologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris, França). Mestre em História pela PUCRS. Professor titular dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em História da FFCH (PUCRS). Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História.

¹ O arqueólogo inglês Paul Bahn nos traça um retrato divertido dos arqueólogos no prefácio de seu livro. BAHN, Paul. *Archaeology*. Oxford – New York: Oxford University Press, 1996. p. vii e viii.

² JOCKEY, Philippe. *L'Archéologie*. Paris: Belin, 1999. p. 5.

Os arqueólogos estão sempre prontos para participar de discussões científicas sobre a sua própria disciplina e debatem entre si sobre seus objetivos, suas práticas metodológicas e suas reflexões teóricas. Esta discussão científica se desenvolve sobre o estatuto mesmo da Arqueologia. Entretanto, raramente se perguntam sobre o que significa ser um arqueólogo na atualidade? Esta é uma problemática que deveria ser questionada pela nossa auto-crítica e não deveria ser ignorada pelo nosso amor-próprio individual, a partir do princípio de que “uma ciência atinge sua maturidade quando ela conhece seus limites”³.

Para um observador externo atento e crítico, os arqueólogos aparentam ser um grupo muito heterogêneo, principalmente no que diz respeito à imagem pouco clara que estes profissionais tem de sua própria disciplina. Um exemplo disto são as discussões intermináveis que evidenciam que eles nem sempre se entendem em relação à própria definição da ciência, pois de tempos em tempos são feitas referências a termos muito díspares. Um rápido levantamento na bibliografia recente pode encontrar referências a diversas arqueologias: aérea, agrária, ambiental, analítica, antiga, antropológica, arqueobotânica, arqueográfica, arqueométrica, arqueozoológica, bioarqueológica, científica, clássica, comportamental, contemporânea, contextual, da paisagem, dedutiva, de paleopaisagens, de salvamento, do colonialismo, estruturalista, evolucionista, funcionalista, do *habitat*, do lixo, do saber (Foucault), ecológica, empírica, espacial, estruturalista, etnoarqueológica, etológica, evolucionista, experimental, extensiva, geoarqueológica, geral, histórica, industrial, indutiva, marxista, medieval, moderna, monumental, náutica, nomotética, *new* (nova), política, positivista, pré-colombiana, processualista, pós-processual, pré-histórica, proto-histórica, quantitativa, rural, simbólica, sistêmica, social, subaquática, submarina, tanatoarqueológica, teórica, tradicional, urbana, etc. Estas hesitações e dúvidas podem levar a casos extremos. Ora a disciplina nem mesmo é considerada como uma ciência independente, devendo ser incorporada à Antropologia, ora é considerada apenas como um sinônimo de “escavações”, sem as quais nenhuma arqueologia seria digna deste nome⁴.

Entretanto, este conjunto de profissionais é composto principalmente por pesquisadores e professores, que se unem em torno de uma formação básica que os torna aptos para uma prática específica de estudos dos documentos materiais da cultura das sociedades do passado. É também a partir dela que eles se reconhecem. Esta formação culmina sempre nos cursos de pós-graduação e é desenvolvida em geral no âmbito das universidades, não apenas em seus institutos ou faculdades, mas também em centros de pesquisa e museus. Ela é muito mais

³ DAUX, Georges. *Histoire de l'Archéologie*. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1966. p. 115.

⁴ JOCKEY, Philippe. *Opus cit.* p. 5.

variada do que se imagina geralmente, e exige do arqueólogo um face a face com seus colegas das ciências da terra, das ciências biológicas e das ciências sociais. Ela é considerada fundamental e deve preparar o conjunto dos arqueólogos tanto para as atividades de prospecção e escavação no campo, como para as análises de laboratório, a produção intelectual dos novos saberes, a publicação dos seus resultados, a preparação de conferências. Ao mesmo tempo, e segundo estes critérios, os arqueólogos preparam e qualificam os integrantes das novas gerações. Eles estão Inseridos nos quadros institucionais das Sociedades de Arqueologia nacionais e são representados por estas associações em todo o território nacional. Muito mais atuantes nas últimas décadas do século 20, eles realizam seus congressos nacionais e Internacionais, dos quais editam as conferências e comunicações, bem como procuram manter de maneira periódica as suas Revistas de Arqueologia, sejam elas temáticas ou institucionais. Em seu conjunto, os arqueólogos demonstram uma nítida consciência da importância da arqueologia na construção científica da memória social. Todos se unem em torno de normas profissionais comuns e na luta pela regulamentação da profissão. Eles partilham de critérios comuns sobre diversos elementos que são julgados fundamentais pela comunidade científica, tais como a boa ou má qualidade da produção intelectual nos variados campos de atividade da arqueologia e o que um arqueólogo deve ou não fazer segundo seu código de ética.

Segundo Clarke, “o arqueólogo autêntico – se é que ele existe – terá que...” ter o tino administrativo para arrecadar e gerenciar fundos para seus projetos, hábil em conseguir todas as espécies de licenças necessárias dos proprietários e das autoridades, o dom da organização para coordenar as equipes e as atividades de pesquisas em campo e laboratório, ser capaz de tudo registrar em fotos e desenhos, reunir suas habilidades descritivas e de análises com a capacidade de síntese, ler e falar diversos idiomas para acompanhar a produção intelectual de seus colegas estrangeiros, gostar de viajar, de realizar explorações e reconhecimentos⁵. Estas características do conjunto, entretanto, não impedem as necessárias discussões científicas, as divergências teórico-metodológicas e as inevitáveis clivagens internas.

Quando na antiga Grécia o termo “Arkhaiologia” foi pela primeira vez utilizado, ele se referia ao “discurso” (*logos*) sobre “coisas antigas” ou simplesmente “as origens” (*arkhaios*). Hoje ela é considerada uma das ciências sociais. Entre-

⁵ CLARKE, Graham. Arqueologia e Sociedade. Lisboa: Liv. Almedina, 1966. p. 11-12. Outro arqueólogo inglês, Philip Rahtz, ampliou e diversificou estas conceituações. Ver deste último autor especialmente os itens “Tipos de arqueólogos” e “O que é ser arqueólogo”, no capítulo 5 “Que fazem os arqueólogos?”. RAHTZ, Philip. *Convite à Arqueologia*. Rio de Janeiro: Imago Edit., 1989, p. 67-85. Ver igualmente o capítulo 4 “O Arqueólogo”, na obra de FRÉDÉRIC, Louis. *Manual prático de arqueologia*. Coimbra: Livraria Almedina, 1980. p. 43-46.

tanto, se aparentemente a Arqueologia é hoje uma ciência que trata de “coisas do passado”, nesta fronteira temporal do século e do milênio ela ainda é uma ciência em construção, em pleno desenvolvimento. Os arqueólogos e a sua ciência passam atualmente por importantes transformações, o que aponta para o futuro.

A Arqueologia apresenta muitas facetas originais e é o resultado de diversas discussões de cunho epistemológico travadas nas últimas décadas. Os arqueólogos, por sua vez, desempenham atualmente muitos novos papéis sociais, como se pode constatar nas considerações a seguir. Pensar sobre o que nos espera nestes novos tempos em que um novo século e um novo milênio se iniciam, é refletir sobre o “futuro do passado”⁶.

2. OS ARQUEÓLOGOS, O CONTEXTO UNIVERSITÁRIO E SUAS TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS

Para bem compreender as transformações recentes por que passou a profissão de arqueólogo, devemos ter condições de análise do contexto histórico das últimas décadas, nas quais ocorreram as mais importantes modificações institucionais da história da ciência arqueológica, bem como as alterações ocorridas nas funções desempenhadas pelos personagens envolvidos. Tentar definir o perfil atual do arqueólogo implica em tecermos considerações sobre uma história vivida por todos nós recentemente, nesta fronteira temporal de século e de milênio. Torna-se necessário, antes de tudo, definir o raio de alcance de nossas considerações. Podemos e devemos fazer o inventário destas transformações a partir das nossas idiossincrasias e das experiências vividas por todos recentemente, sem correr o risco de cair nas armadilhas das opiniões sem fundamento⁷.

Diversos são os contextos institucionais onde atualmente circulam os arqueólogos. Nós podemos encontrá-los, por exemplo, dando entrevistas no contexto dos jornais de circulação diária e nos programas de televisão ou produzindo conhecimento científico nas revistas científicas e em publicações isoladas, participando das associações nacionais e internacionais de pesquisadores ou fazendo parte dos quadros institucionais dos patrimônios nacionais e municipais. Eles se encontram em grande número nos institutos e departamentos das diversas instituições superiores de ensino, sejam universidades plenas ou faculdades isoladas. Não existem limites intransponíveis entre estes diversos contextos e existem arqueólogos que circulam com muita facilidade entre diversos deles.

⁶ Este termo que integra o título deste trabalho se deve ao arqueólogo inglês Paul Bahn (BAHN, Paul. *Opus cit.* ps. 2 e 91).

⁷ KERN, Arno A. *Opus cit.*

O contexto universitário é de todos o mais importante⁸, não apenas pela sua tradição, mas principalmente por ser o mais dinâmico dentre todos eles, pelo número de arqueólogos importantes que nele circulam, pela qualidade e diversidade de sua produção intelectual, pelo seu papel de formador por excelência das novas gerações e por preparar jovens arqueólogos para o recrutamento de todos os demais setores, principalmente para as inúmeras atividades da arqueologia de salvamento ou de contrato.

No seu conjunto, as universidades não formam um conjunto uniforme, mas um todo composto por diversos tipos de instituições de ensino superior que podem estar instaladas tanto nas capitais como nas cidades do interior, podendo ser públicas (nacionais ou estatais) e particulares (comunitárias ou privadas) Do ponto de vista da formação profissional, as instituições superiores de ensino se estruturam em dois pólos distintos. O primeiro deles reúne as universidades que organizaram, sobretudo nas últimas décadas, suas formações de pós-graduação com reconhecimento oficial dos Ministérios de Educação e com apoio dos Conselhos Nacionais de Pesquisa, nos diversos países. Elas podem estar submetidas às avaliações nacionais e internacionais e possuem quadros docentes com um grande número de doutores em regimes de tempo especial, quase sempre com dedicação exclusiva. No segundo estão as demais que já contam com um número significativo de mestres e poucos doutores, mas apenas tem reconhecidos pelos Ministérios de Educação a formação em cursos de graduação (licenciaturas e bacharelados) e de pós-graduação “*latu sensu*” (especializações e aperfeiçoamentos).

Nas organizações institucionais existentes neste contexto universitário tão diversificado, os arqueólogos desenvolvem relações complexas e diversificadas, não apenas entre si, mas também com os demais profissionais das outras ciências. Como integrantes dos quadros funcionais destas instituições, os arqueólogos não ignoram que os demais colegas podem ser amigos ou companheiros de profissão, mantendo relações cordiais e – sobretudo – defendendo em conjunto os interesses de suas instituições ou os de toda a comunidade dos arqueólogos e dos seus jovens aprendizes. Alguns raros arqueólogos trabalham isoladamente e se mantêm afastados da comunidade. Entretanto, a maioria dos que participam dos ambientes universitários coexistem harmoniosamente, pois ali predominam as alianças, os acordos tácitos e mesmo uma competição franca e bem educada. O bom nível intelectual e a importância deste conjunto de profissionais infelizmente não são

⁸ JORGE, Vítor Oliveira. *Arqueologia em construção*. Lisboa: Editorial Presença, 1990, p. 17-23. Sobre este tema consultar principalmente o capítulo 2 “A Arqueologia e a Universidade: um ponto de Vista” (p. 17-23. Algumas das idéias de Antoine Prost, sobre o perfil dos historiadores atuais, serviram de inspiração para este ítem (PROST, A. *Douze leçons sur l'Histoire*. Paris: Seuil, 1996. Ver especialmente o capítulo 2 – “La profesion historique”, p. 33-53).

impedimentos para algumas rivalidades internas, que terminam por enfraquecer o grupo nas instituições ou no próprio contexto científico⁹.

Em um passado ainda muito próximo as licenciaturas e os bacharelados eram os únicos tipos de cursos universitários existentes em nossas universidades. A atuação de muitos arqueólogos estava então limitada quase que exclusivamente ao ensino, devido às faltas de apoio financeiro e de espaços voltados para a pesquisa, tais como os laboratórios de arqueologia. Pesquisar, para muitos professores, significava preparar aulas de Arqueologia a partir da rara bibliografia arqueológica existente. Um número limitado de arqueólogos que além de professores eram também pesquisadores, instalava seus primeiros laboratórios de pesquisa arqueológica em museus ou institutos, com as inevitáveis dificuldades das ciências novas, desconhecidas inclusive de seus colegas universitários.

A maioria dos arqueólogos, apesar da experiência e do conhecimento específicos, tinham suas titulações obtidas em áreas próximas, como a Antropologia e a História. Os concursos para ingresso nos quadros docentes da universidade eram raros e a renovação nem sempre premiava a competência. Um número grande de docentes limitavam a suas atividades às aulas dadas e às pesquisas ainda incipientes com verbas restritas. Ainda não podiam ser denominados de arqueólogos profissionais. Eram raros e dignos de mérito os arqueólogos das universidades que pesquisavam e publicavam regularmente, sendo os únicos a servirem realmente de exemplo aos seus jovens alunos. No passado, muitos dos considerados pioneiros da arqueologia foram indivíduos com formação muito diversificada no campo das ciências, além de alguns eruditos com pouca ou nenhuma atuação na universidade. Entretanto, cada vez mais a vanguarda da Arqueologia será representada, principalmente a partir dos anos 80, por um grande número de professores universitários que já possuíam experiência e formação mais específicas, podendo ser denominados de arqueólogos. Passou-se então a defender a necessidade do desenvolvimento da integração ensino-pesquisa-extensão em arqueologia e de um incremento na especialização das práticas do ensino e da pesquisa, sobretudo em alguns dos museus e dos departamentos de Antropologia e História nos quais os arqueólogos atuavam, bem como em alguns Centros de Pesquisa que pouco a pouco se institucionalizavam. Estas novas orientações foram defendidas em primeiro lugar pelos professores e pesquisadores que tiveram os seus méritos anteriores reconhecidos com a titulação da Livre Docência, mediante a defesa de tese. Mas também pelos diversos professores universitários formados na pós-

⁹ PROST, A. Opus cit. p. 44-6. O autor refere-se aos casos de reticências a se citar um colega que pesquisa os mesmos temas ou o de se evitar falar bem de um colega da mesma ou de uma outra universidade. Lembra ele, entretanto, com uma certa ironia, que: "*mieux valent les compromis ou les alliances tactiques que les francs anathèmes, et les conflits feutrés que les duels au soleil*" p. 46.

-graduação, com doutorados nacionais e estrangeiros, segundo a nova ótica da necessária profissionalização do arqueólogo. Ao assumirem a docência nas novas disciplinas de arqueologia criadas pelo seu estímulo e persuasão, ao diversificar e ampliar suas práticas nos novos laboratórios de pesquisa instalados, eles passaram a investir nas possibilidades do grupo como um todo, fortalecendo-se o conjunto.

Pouco a pouco, ampliava-se a gama de cursos de extensão oferecidos, sobretudo com as especializações “*latu sensu*”. Estes últimos foram quase sempre o ponto de partida para a estruturação de setores voltados para a Arqueologia, em cursos de pós-graduação “*strictu sensu*”. E é exatamente esta implantação dos cursos de pós-graduação em História e Antropologia que terminam por provocar uma mudança extremamente importante no panorama nacional e internacional da formação em Arqueologia, pois altera de maneira irreversível a perspectiva histórica da formação com qualificação de uma geração de arqueólogos em nossas universidades. Em algumas delas, ao se desenvolverem programas de incentivos à formação de doutores e mestres, surgiram novas oportunidade de formação com qualificação. Toda esta dinâmica somente foi possível graças aos esforços conjuntos de duas gerações de arqueólogos profissionais que co-habitavam nos Departamentos, bem como dos Livre-Docentes e dos Doutores que, apesar do número reduzido, somaram com sucesso experiências e espírito de iniciativa. Esta nova política evidencia o êxito das iniciativas dos arqueólogos e demonstra igualmente o importante papel institucional que tem desempenhado na formação com qualificação de uma nova geração de profissionais.

Inúmeros arqueólogos auxiliaram os historiadores e os antropólogos dos Departamentos de História e de Antropologia na iniciativa de implantar Programas e Cursos de Pós-Graduação, que terminaram sendo responsáveis pela formação de toda uma nova geração de arqueólogos, capazes de desempenhar integralmente o seu papel de vanguarda da Arqueologia que se praticou nas duas últimas décadas no ensino superior de nossos países. Esta formação contou sempre com parcerias e atividades conjuntas com profissionais de alto nível de alguns dos países onde a Arqueologia estava mais adiantada, especialmente na Europa (Inglaterra, França) e na América (Estados Unidos e México), bem como dos arqueólogos instalados em países vizinhos sul-americanos, como é o caso específico do Uruguai, da Argentina e do Brasil. Este papel atuante da pós-graduação adquiriu maior importância, sobretudo pela inexistência ou pelas dificuldades da formação em nível de graduação (licenciatura e bacharelado).

Entretanto, se observarmos o conjunto cursos de mestrado e doutorado existentes hoje nas universidades européias e norte-americanas, são ainda em pequeno número os programas de pós-graduação com formação em Arqueologia, com tradição e atuação a nível internacional. Este número é ainda menor nos países do

Mercosul, onde as iniciativas semelhantes ou sofreram limitações ou são inexistentes. Os programas universitários, de uma maneira geral, mantêm-se voltados para o objetivo maior de implantação de um projeto educacional comprometido com a qualidade e a titulação com qualificação, não ignorando que este aperfeiçoamento da pessoa humana, dentro de uma visão ética de formação e construção de cidadania, é um objetivo maior das nossas universidades.

Quando observamos em perspectiva histórica esta série de transformações por que passaram especificamente as nossas universidades, somos obrigados a reconhecer o quanto mudaram e se diversificaram as funções e desempenhos dos arqueólogos atuais. Ao contrário do que normalmente se afirmou no passado, entretanto, as funções dos professores que labutam diariamente na universidade não podem nem devem se limitar apenas à pesquisa arqueológica ou a seu ensino. Além das atividades hoje mais quotidianas de ensino, pesquisa, extensão e administração, o perfil do arqueólogo que trabalha na universidade se transformou completamente ao mesmo tempo em que a dinâmica de sua atuação tornava-se muito mais complexa, superando completamente as formas antigas. O seu perfil mais atual exige um desdobramento de esforços, voltados para atividades muito diversificadas tais como coordenação de centros de pesquisa, editoração de revistas e de coleções de livros especializados, obtenção de recursos financeiros em agências de financiamento, etc., com as quais nem sempre os profissionais universitários tem muita familiaridade. Trata-se de uma série de atividades da maior importância que se realizam em um panorama que ultrapassa seguidamente os muros da universidade¹⁰.

3. OS ARQUEÓLOGOS E A INTERNACIONALIZAÇÃO DA PROFISSÃO

Entre as maiores transformações ocorridas nas últimas décadas, no contexto universitário, podemos destacar a da abertura das fronteiras institucionais e individuais, fazendo com que ocorra uma internacionalização dos saberes e das profissões. Esta derrubada geral dos muros que bloqueavam as comunicações dos arqueólogos com os demais professores e pesquisadores universitários nacionais e estrangeiros, é a responsável por ter rompido o seu isolamento provinciano, colocando-os face a face com outros profissionais com interesses semelhantes de investigação e ensino, no país e no estrangeiro. A internacionalização das ciências

¹⁰ Estas afirmações estiveram presentes na discussão sobre os novos profissionais de nossa universidade, face às renovações das últimas décadas. KERN, Arno. *Opus cit.*

já era destacada no final do século XIX, quando algumas das ciências sociais começavam e se constituir, de maneira objetiva e racional¹¹, bem como a expandir seus territórios. Afirmava-se então que a cultura das ciências não estava confinada a nenhum país privilegiado, pois ela já seria então internacional. Afirmava-se também que qualquer ciência deveria se situar ao lado das demais disciplinas sujeitas ao que na época já eram consideradas “condições modernas do trabalho científico” e que os pesquisadores deveriam saber utilizar as línguas internacionais das ciências, como o inglês, o alemão, o francês ou o italiano¹². Infelizmente, as defasagens eram muito grandes e a comunidade dos arqueólogos demorou mais tempo para reagir ao fenômeno de internacionalização que já ocorria no campo das demais ciências. Entretanto, no decorrer das décadas do pós-guerra, os arqueólogos foram pouco a pouco se integrando à comunidade científica internacional.

Esta internacionalização gradativa teve profundas repercussões na comunidade dos arqueólogos como um todo, provocando uma circulação direta e mais rápida das informações, renovando as discussões teórico-metodológicas nas inúmeras atividades recentemente promovidas: congressos, seminários, reuniões de trabalho de grupos de pesquisa, etc. Estas interfaces foram geradas pelos encontros continuados com outros cientistas, não apenas das áreas das ciências da natureza, mas sobretudo com os antropólogos e os historiadores. Atualmente as interdisciplinaridades possíveis não são mais consideradas como eventuais ou interessantes, mas sim pensadas como necessárias e imprescindíveis para ao desenvolvimento da vanguarda da pesquisa e mesmo do ensino. As interações assim provocadas terminam proporcionando um dinamismo especial à formação continuada dos professores-orientadores-pesquisadores universitários, superando as divisões artificiais entre os saberes e os territórios da História atualmente sendo investigados. Um dos resultados mais marcantes é que atualmente podemos ter uma idéia panorâmica das tendências que direcionam as pesquisas arqueológicas. Se por um lado, muitos estudos privilegiam temáticas relacionadas a especializações setoriais, por outro lado exploram-se de maneira comparativa uma diversidade de territórios novos, com a superação de óticas voltadas para um pequeno mundo isolado e fechadas sobre si mesmas.

Neste sentido, torna-se extremamente vantajosa a formação exógena do quadro institucional de professores-orientadores-pesquisadores, com doutorados preferencialmente realizados no exterior ou em outras instituições do país, rom-

¹¹ Ciências “positivas”, como então eram designadas.

¹² LANGLOIS, C.-V. e SEIGNOBOS, C. *Introduction aux études historiques*. Paris: 1898; red. 1992, p. 57. Citado em: BOUTIER, J. e VIRMANI, A. “Os caminhos da polifonia”. In: BOUTIER, Jean e DOMINIQUE, Julia. *Passados Recompuestos: campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1998.

pendo-se com a endogenia da formação integral na sua própria instituição. Outras formas de interfaces são as formações pós-doutorais realizadas fora da instituição, preferencialmente no exterior. A série de encontros estimulados pelas reuniões científicas e congressos nacionais e internacionais é a responsável por criar condições para que seja suplantada a fascinação pelo individual e pelo particular que atraem continuamente o pesquisador local, sem muitas possibilidades de estudos comparativos mais amplos. Finalmente, torna-se cada vez mais usual a filiação dos arqueólogos a associações nacionais e internacionais, bem como o comparecimento às reuniões científicas setoriais e reuniões nacionais dos pesquisadores de áreas próximas.

Atualmente são raros os países da América ou da Europa onde não se ensina nem se pratica a pesquisa em Arqueologia. Assim, os arqueólogos passam a intercambiar experiências e reflexões sobre métodos e problemáticas, passando a ter centros de interesse comuns. Expande-se para além das fronteiras, uma comunidade de arqueólogos muito ampla que termina por organizar relações científicas num espaço disciplinar transnacional. Entretanto, como em outras ciências, esta nova dinâmica não atinge um número significativo da totalidade dos arqueólogos, pois uma tendência infelizmente internacional, indica que esta é apenas uma parte emersa do iceberg. Assim, o provincianismo está longe de desaparecer e o isolamento e a manutenção de práticas mais conservadoras podem ser observada ainda, inclusive entre jovens arqueólogos.

4. OS ARQUEÓLOGOS E A PRODUÇÃO INTELECTUAL SOBRE O PASSADO

A produção intelectual do arqueólogo é o resultado, na forma textual, das suas pesquisas. O texto produzido pelo arqueólogo não expressa uma verdade, nem mesmo quando apenas cataloga os objetos em um relatório, pois a própria elaboração das listas de conceitos e tipos a serem utilizados já implica da seleção e na hierarquização das informações existentes. Como em todas as ciências, a “Arqueologia é uma perpétua busca, nunca realmente um achado: é uma eterna jornada sem uma verdadeira chegada. Tudo é tentativa, nada é final”¹³. Os livros e os artigos dos arqueólogos são sempre a produção de documentos complexos, nos quais esperamos encontrar uma descrição detalhada, uma narração fidedigna e uma explicação inteligente, que tem por objetivo reconstituir as experiências vivida pelos homens no passado, de maneira verossímil. Trata-se da “archéologie

¹³ Nenhuma ciência é um catálogo, mas uma versão de eventos. BAHN, Paul. Opus cit. P. 6-7.

du vécu” (a arqueologia do vivido) de que nos fala Pesez¹⁴. Esta produção intelectual estabelece uma espécie de interação entre dois pólos, o objeto do conhecimento e o sujeito que conhece, resultando numa complexa construção textual que busca dar sentido ao passado das sociedades a partir do estudo dos vestígios da sua cultura material. Os arqueólogos e seus textos são os responsáveis pelas representações elaboradas cientificamente¹⁵, de maneira racional e objetiva, visando as reconstituições do passado. Mesmo quando construídas partir de operações analíticas e sintéticas elaboradas com as informações documentais e de interpretações críticas, estas representações do passado serão sempre verossímeis, mas também problemáticas e incompletas, numa ciência ainda em construção e a partir das amostras de documentação material encontradas.

Apesar de suas limitações, uma vez tornada publica esta produção intelectual produzida pelos arqueólogos, ela passa a pertencer a toda a sociedade, substituindo e subvertendo criticamente partes da memória social existente¹⁶, da mesma maneira como ocorre com a História.

Os arqueólogos e os seus colegas das ciências humanas, sobretudo os antropólogos e os historiadores, não se limitam a utilizar a memória da sociedade como fonte de suas atividades, pois nesta se encontra o saber acumulado pelas pesquisas das gerações anteriores. Como é a produção do novo conhecimento que termina por ampliar e enriquecer a memória da sociedade, contribuem os arqueólogos de maneira extraordinária na importante e continua construção e reconstrução desta memória social.

As avaliações qualitativas e quantitativas contínuas da produção intelectual são hoje em dia uma atividade cada vez mais rotineira nas universidades. É por intermédio delas que temos uma idéia mais clara do desempenho do grupo social dos arqueólogos, em suas atividades de pesquisadores e professores do diversos departamentos universitários. Nas últimas décadas esta produção intelectual dos arqueólogos sofreu mudanças em profundidade e em amplitude, assim como as modalidades de escrita das demais ciências sociais, sobretudo pelo surgimento de novos territórios a serem explorados pela pesquisa, pelos novos objetivos visando temáticas originais e pela riqueza das novas abordagens¹⁷. No passado se buscava apresentar uma narração a mais completa e detalhada possível dos vestígios da cultura material, sobretudo dos denominados “fósseis diretores” das culturas. Atualmente, sem se abandonar os aspectos descritivos dos dados empíricos, o

¹⁴ PESEZ, Jean-Marie. *L'Archéologie: mutations, missions, methodes*. Paris: Nathan, 1997.

¹⁵ CHARTIER, Roger. “O mundo como representação”. *Estudos Avançados* (USP): 11(5), 1991. p. 173-191.

¹⁶ NORA, P. «Entre mémoire et histoire. La problématique dees lieux». *Les lieux de la mémoire*. Paris: Ed. Gallimard, 1984, pgs. XIX-XX.

¹⁷ KERN, Arno Alvarez. *Opus cit.*

arqueólogo produz um texto mais explicativo e teoricamente orientado por quadros de referência conceitual, substituindo-se assim o tipo de inteligibilidade utilizada no passado, restrita muitas vezes à reprodução dos catálogos dos objetos encontrados ou das listas tipológicas. Para muitos arqueólogos, os programas de computador permitem a reprodução deste tipo de texto descritivo com uma aparência mais moderna, mas sem que necessariamente se tenham os elementos de explicação explicitamente formulados.

Ao contrário do que geralmente pensam muitos arqueólogos, a finalidade maior da Arqueologia não é a descoberta de objetos. A partir das múltiplas informações do passado (paleo-paisagens, sedimentologia, tipologias, estruturas, etc), os arqueólogos utilizam a sua imaginação científica para “a elaboração, o estabelecimento ou o re-estabelecimento dos fatos” sócio-culturais do passado¹⁸. O arqueólogo apresenta aos seus pares, bem como aos demais leitores, um texto no qual as representações do quotidiano das sociedades estudadas são construções intelectuais, fruto das práticas mais pertinentes e das reflexões teóricas mais adequadas. O texto interpretativo, a partir do qual o arqueólogo busca a representação do passado, deve deixar muito claro tanto os seus procedimentos narrativos e empíricos como os recursos metodológicos e teóricos empregados. Esta honestidade intelectual nos possibilita reconhecer que a documentação material possibilita diversas leituras possíveis e, portanto, diversas formas diferentes de escrita, complementares entre si.

Se a Arqueologia tem uma importante função social, pois o arqueólogo é um produtor de novos saberes. Este fato tem se tornado cada vez mais evidente nas universidades, onde ela é estimulada continuamente pelas políticas de apoio à pesquisa das nossas universidades e pelos os regimes de tempo especial que contemplam as horas de pesquisa desenvolvidas pelos professores universitários. Esta produção intelectual deve ser de boa qualidade e continuada, com a obrigação de um mínimo de livros e artigos anuais, estipulados pelos departamentos ou pelas Universidades. Esta produção é formada majoritariamente por artigos em coletâneas ou anais de congressos. Ela serve também como indicador dos contatos mantidos com os demais colegas, dentro desta concepção nova de somente podemos entender plenamente a nossa pesquisa quando relacionada a um campo onde outros especialistas desenvolvem trabalhos, e que não estamos mais isolados a não ser por opção individual.

Os inúmeros congressos de Arqueologia, locais ou internacionais, nos exigem a produção contínua de artigos. Entretanto, o livro de um único autor deve ser estimulado. Não podemos negligenciá-lo por mais que sejamos requisitados

¹⁸ COURBIN, Paul. *Qu'est-ce que l'Archéologie?* Paris: Payot, 1982. Segundo este autor, “é a base de tudo: é a fonte, e temos sempre que voltar às fontes” (p. 160-162).

pelas demais atividades, nestas múltiplas funções das complexas realidades atuais. Mesmo que publicado de maneira mais esporádica que os artigos, o livro ainda é o melhor meio para a realização de análises mais detalhadas dos dados empíricos existentes e de interpretações em profundidade, teoricamente orientadas. No panorama da produção intelectual dos arqueólogos, entretanto, não é apenas raro que surjam livros. É menos comum ainda encontrar trabalhos de tradução ou as obras destinadas ao grande público. Quando nos damos conta do grande número de escavações realizadas e de análises de laboratório concluídas, uma questão permanece sem resposta, em relação a estas obras de maior fôlego: os arqueólogos não tem onde publicar, ou não tem o que publicar¹⁹?

É perfeitamente normal que no interior do grupo de arqueólogos que são professores universitários, a maioria publique regularmente. Voltada quase integralmente para outras funções e atividades institucionais, tais como as atividades administrativas de coordenação de centros de Pesquisa, uma minoria pode ter uma produção mais reduzida. Lembremos que deve ser avaliado, nesta produção, o trabalho contínuo de orientações, representado pelas diversas monografias de licenciatura e bacharelato, bem como pelas dissertações de mestrado e teses de doutorado que orienta atualmente o arqueólogo universitário, nas sucessivas turmas de graduação e pós-graduação. Este conjunto de trabalhos produzidos culmina muitas vezes por representar uma importante produção intelectual de um grupo de pesquisa que se constitui pouco a pouco.

Entretanto, na produção do novo saber, a avaliação do grupo dos arqueólogos como um todo, é prejudicada pelos não publicam absolutamente nada, ou que só produzem relatórios e publicam esporadicamente pequenos artigos, limitando-se a não desempenhar outras funções além da pesquisa de campo e de laboratório. Os cursos nos quais atuam e as disciplinas que ministram, podem ser desprestigiados e mal avaliados como um todo no conjunto deste pequeno mundo que é a universidade atual. No campo da produção intelectual, portanto, devemos destacar o intenso esforço que pode e deve ser investido, pelos arqueólogos, no campo das publicações, pois esta é uma de suas mais importantes obrigações.

Devemos contar com mais revistas de nível internacional e editadas de maneira contínua, tanto em suporte tradicional como virtuais (CD e DVD). Deverão estar voltadas, sem dúvida, tanto para os estudos temáticos específicos da nossa arqueologia local, bem como para temas mais amplos, voltados para problemáticas regionais ou continentais. As revistas significam não apenas a possibilidade de publicar a produção local ou externa à instituição que a edita, mas igualmente possibilitam a participação de arqueólogos nos conselhos editoriais e

¹⁹ JORGE, Vítor Oliveira. *Opus cit.* p. 20.

consultivos que cada uma delas deve ter. Um dos arqueólogos do grupo deverá necessariamente tornar-se o editor da revista. Dentre as preocupações maiores, destacam-se: a adequação da publicação às normas nacionais e internacionais, o cuidado com o nível de qualidade internacional dos artigos e dos participantes, a organização de dossiês temáticos, a manutenção do intercâmbio com outras revistas nacionais e internacionais, etc.

Em alguns Centros de Pesquisas arqueológicas tem-se mantido a tradição de publicações constantes. A maioria está voltada para a divulgação dos resultados de pesquisa, mas existem também publicações voltadas para a divulgação dos sítios conhecidos e séries documentais. Estabeleceu-se assim em algumas das universidades programas editoriais bem definidos, visando veicular a produção científica, normalmente dos pesquisadores docentes mas também dos discentes. Esta estratégia de publicações foi e deve ser considerada imprescindível e fundamental, tanto para a pesquisa como para o ensino. Os livros e as revistas produzidos passam a veicular os resultados das pesquisas em curso, mas igualmente possibilitam a discussão científica corrente sobre o fazer e o pensar a Arqueologia. Julga-se atualmente imprescindível difundir e socializar os resultados das pesquisas em andamento, bem como estimular o debate científico em torno dos temas e das problemáticas atuais.

4. A ARQUEOLOGIA E O ENSINO: MÚLTIPLAS E COMPLEXAS FACES DA FORMAÇÃO

Formar os novos especialistas nas diversas áreas do conhecimento não é apenas uma das funções básicas da universidade, mas uma das mais antigas funções dos professores universitários, dentre os quais os arqueólogos.

No campo das ciências sociais, as licenciaturas eram a única formação existente com o objetivo de renovação de professores do ensino secundário e superior, preparando os novos professores para o ensino especializado das escolas, tanto na rede pública como privada. Paralelamente a esta formação, organizaram-se cursos que tinham como objetivo específico preparar os técnicos e especialistas capazes de desenvolver a capacidade de produção intelectual a partir da pesquisa. Esta formação culminava muitas vezes com a produção de uma monografia final, ou seja, o resultado de uma pesquisa desenvolvida pelo aluno e orientada por um professor que muitas vezes era um pesquisador com pouca ou nenhuma tradição.

Uma nova dinâmica transformou recentemente o panorama institucional do ensino superior universitário, com o estabelecimento de quadros docentes formados em sua maioria de professores doutores e mestres. A formação dos arqueólogos das novas gerações que pretendem ser os pesquisadores do novo milênio,

deve atualmente se desenvolver nos Cursos de Mestrado e culminar com uma formação que se espera ser de alta qualificação nos Cursos de Doutorado, no âmbito dos Programas de Pós-Graduação. Este não é somente um imenso desafio a ser superado, com imenso esforço e iniciativa, mas é uma das mais novas responsabilidades surgidas no ensino superior. Assim, ao longo de algumas décadas, pouco a pouco se observa a estruturação de cursos de Mestrado, influenciados pelos modelos europeu e norte-americano e que passam a projetar e instalar gradualmente seus cursos de Doutorado. Neste panorama global, a situação da arqueologia ainda é extremamente problemática, mesmo na Europa e nos Estados Unidos, com resultados ainda muito limitados e incipientes.

Apesar de ser uma instituição centenária nas universidades alemãs e francesas, apenas nas últimas décadas passou a funcionar regularmente entre nós a formação ligada aos seminários doutorais na área de Arqueologia. Esta formação, em períodos anteriores, não existia de forma organizada, apesar de ser considerada a ideal para a afirmação das carreiras profissionais dos pesquisadores e professores. Atualmente é a formação com qualificação julgada ideal e quase a única aceita como a responsável pela reprodução institucional do grupo. Cada vez mais dificilmente se aceita um candidato à carreira universitária sem esta qualificação, o que demonstra a sua importância para o próprio grupo.

A formação das novas gerações de arqueólogos tornou-se muito mais complexa, portanto, exigindo hoje múltiplas aptidões dos arqueólogos “seniors”. No início deste processo predominaram os monólogos do professor-arqueólogo que se confundia com um conferencista, preocupado em fornecer aos jovens aprendizes informações e dados organizados sempre em uma narrativa cronológica ou temática. Havia uma grande diferença conceitual, portanto, entre o discurso do professor na sala de aula, sempre cheio de certezas e na qual a opinião do mestre era a única verdadeira, e a produção de um conhecimento arqueológico de cunho científico. Não nos havíamos dado conta ainda que o saber produzido pelas pesquisas dos arqueólogos, como o das demais ciências, parte de problemas científicos e os seus resultados são apenas verossímeis e relativos aos documentos materiais estudados.

Se ontem o desempenho exigia uma narração rica em expressão oral capaz de dar vida ao passado, hoje se exige um discurso metodológica e teoricamente orientado, estruturado a partir de um questionário científico e de um vocabulário apropriado ao quadro de referência conceitual. Atualmente predomina a pedagogia ativa da aula expositiva-dialogada, na qual deve ensinar que a arqueologia é também a construção de uma narração verossímil formada pelas análises de evidências e por demonstrações metodologicamente corretas dos problemas científicos, cujas interpretações são teoricamente orientadas. Os jovens arqueólogos são desde cedo estimulados a sair de sua escuta passiva e a participar dos debates

suscitados, discutindo os textos de outros arqueólogos, de antropólogos e de historiadores. Devem demonstrar ser capazes de sistematizar e organizar seus conhecimentos, a desenvolver suas capacidades de síntese ao produzir suas próprias monografias e dissertações.

Uma certeza emerge deste processo de transformações institucionais das últimas décadas: o ensino da Arqueologia deve ser ministrado preferencialmente pelos próprios arqueólogos, mesmo quando por falta de efetivos ele se organiza junto à História ou à Antropologia. Isto não invalida que o mesmo que possa ter o apoio das demais ciências, pois a Arqueologia terminou integrando idéias e técnicas de um conjunto muito grande de disciplinas²⁰

Estas atividades e tendências saíram das salas de aula e invadiram os espaços dos novos Centros de Pesquisa²¹, instalados nas últimas décadas. Estas atividades ultrapassam também os muros da instituição com suas pesquisas e estudos “in loco”. Trata-se de saídas a campo, com a finalidade de estudar os arquivos de documentos materiais que são os sítios arqueológicos, bem como as viagens para estudos das coleções dos museus de arqueologia. Aos documentos materiais, já tradicionais na formação do arqueólogo, acrescentaram-se as informações obtidas pelos estudos iconográficos (gravuras, pinturas e esculturas), pelos documentos escritos históricos e mesmo pelos testemunhos orais, estes últimos muito importantes na arqueologia dos sítios históricos. Tornaram-se atividades corriqueiras no atual ensino da Arqueologia para os jovens alunos de graduação e de pós-graduação: estabelecer roteiros de leituras de textos escolhidos, elaborar resumos e destacar as idéias principais dos mesmos, responder a questões interpretativas redigindo considerações apropriadas, ler e consultar manuais e publicações com resultados de pesquisas para posterior utilização em seus trabalhos, pesquisar em documentos variados (objetos, textos, imagens), redigir monografias temáticas, fazer comunicações em sala de aula e feiras de iniciação científica, apresentar sínteses de suas pesquisas em painéis nos seminários de pesquisa, fazer palestras e comunicações nos congressos de Arqueologia, redigir artigos para publicações especializadas, etc.

Seja de um mestre ou de um discípulo, o perfil dos arqueólogos somente se completa no desempenho destas múltiplas atividades de formação que exigem aptidões e saberes adequados aos desafios do ensino dos tempos atuais.

²⁰ “Archaeology became like a giant sponge, soaking up and integrating bits and pieces of ideas and techniques from a whole ocean of disciplines”. BAHN, Paul. *Opus cit.* P. 66.

²¹ Atualmente a pesquisa arqueológica se desenvolve em diversos tipos de Centros/Núcleos ou Oficinas/Laboratórios. Todos oportunizam espaços para pesquisas docentes e discentes (alunos de graduação e pós-graduação) e dispõem de importantes conjuntos documentais primários (tais como os elementos da cultura material nas reservas técnicas) e secundários (iconografia, cartografia, documentos escritos, bibliografia auxiliar, etc., nos gabinetes).

5. AS ATIVIDADES DE EXTENSÃO NA ARQUEOLOGIA: ORGANIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS CIENTÍFICOS

Uma das funções mais elementares do arqueólogo que atua como professor universitário, e que é muitas vezes pouco valorizada pela maioria, é a de fornecer uma cultura geral de sua área de atuação a um público amplo que não é necessariamente de estudantes, através das atividades de extensão. As atividades de extensão são importantes também, não apenas para a difusão dos nossos cursos e de nosso trabalho como arqueólogos, mas igualmente para difundir a nossa imagem de universidade, mais voltada para a sociedade. Esta é uma atividade essencial para despertar novas vocações arqueológicas ou estimular as já existentes, ao servir importante elo de ligação entre o ensino secundário e o ensino universitário.

Na área da extensão, passou a ser uma das mais importantes funções do historiador universitário a organização e a participação em eventos científicos. As reuniões científicas, congressos, seminários, etc., são oportunidades de contatos e reuniões com os seus colegas da mesma especialidade. Nas grandes salas e nos corredores destes eventos estabelecem-se, assim, redes formais ou informais de importantes relacionamentos entre pesquisadores individuais ou entre membros de centros de pesquisa institucionais. Trata-se de um espaço válido, não apenas para a apresentação da pesquisa mais recente, mas principalmente para os debates científicos, a atualização metodológica e teórica, a circulação de maneira direta das informações.

O cenário destes eventos é sempre muito rico em acontecimentos de ordem social, explicados melhor pela ótica da psicologia do que pela ciência histórica. Neles muitas reputações se fazem e se desfazem. Não são apenas a oportunidade para que os arqueólogos demonstrem a produção do seu saber mas também para que possamos conhecer e reconhecer os jovens aprendizes que tenham alguma coisa a nos dizer. Por mais importante e divulgado que seja um evento em uma instituição sempre existirá um colega que o ignora solenemente, isolado em seu gabinete no andar superior. Outros ainda, “mandarins” da profissão, poderão comparecer apenas para marcar presença e prestigiar o evento.

Estes congressos nacionais e internacionais de arqueologia procuram colocar em prática, sem dúvida, seus objetivos científicos, como já vimos anteriormente. Mas são também importantes do ponto de vista da estratégia de uma instituição e de seu conjunto de arqueólogos, pois eles se apresentam como instância cientificamente legítima, para uma certa área de especialização arqueológica desenvolvida pela instituição de ensino. A maioria dos pesquisadores arqueólogos demonstra sua consciência profissional e seu senso do dever, pois além de participar da mesa-redonda para a qual foram convidados, acompanham as demais comunicações de interesse e colaboram nos debates que ali se estabelece.

Outras oportunidades para a efetivação destes contatos, tão necessários, são os convites para a realização de conferências, a organização de reuniões dos Grupos Internacionais de Pesquisa, etc. Estes encontros devem ser não somente oportunidades a serem aproveitadas, quando ocorrem sob a coordenação de colegas, mas devem ser realizados esforços por parte de cada um para a organização de eventos de tal tipo regularmente, no calendário da universidade. São oportunidades excepcionais para a formação de alto nível dos alunos, dos bolsistas de iniciação científica do graduação bem como dos mestrandos e doutorandos do pós-graduação, aprimorando a qualidade de nossa formação universitária como um todo.

6. OS ARQUEÓLOGOS E SEUS COMPROMISSOS COM A SOCIEDADE

Os cientistas sociais, e entre eles os arqueólogos, deveriam ter sido os primeiros a se dar conta que a instituição conhecida como universidade é atualmente um conjunto de Instituições de Ensino Superior que se diversificou muito e que tem se transformado substancialmente ao longo das últimas décadas²². Surgiram quase sempre nas capitais e grandes cidades, muitas vezes a partir da reunião de diversas unidades autônomas já existentes. Elas acompanharam, de uma certa forma, os processos de urbanização e industrialização, que modificaram a face do mundo atual. Se muitas destas universidades fundadas ao longo deste período eram públicas (nacionais ou estaduais), algumas foram fundadas como universidades privadas (ligadas a famílias ou grupos empresariais) e outras se organizaram como universidades comunitárias, pelos esforços de comunidades locais²³. De um modo geral, afirma-se atualmente que as instituições de ensino superior podem e devem prestar relevante serviço público, junto às comunidades entre as quais se inserem e para as quais algumas se voltam para esta prestação de serviços. Além das atividades de formação, elas devem estimular projetos de pesquisa no diversificado campo das ciências, apoiar a produção cultural e tecnológica, etc., no interesse público da sociedade.

²² KERN, Arno Alvarez. *Opus cit.*

²³ É o caso, no Brasil, das Pontifícias Universidades Católicas (PUC-RJ, PUC-SP e PUC-RS), da UNISINOS e de diversas outras universidades criadas e mantidas pelas comunidades locais, como, por exemplo, a UPF, a UNIJUI, a URI, etc., no interior do Rio Grande do Sul. A designação de “universidade comunitária” não define apenas a existência de uma comunidade acadêmica, ou seja, o conjunto integrado de professores-alunos-funcionários, o que é comum a quase todas as universidades. O termo destaca igualmente os aspectos de prestação de serviços desta comunidade universitária à sociedade sem, portanto, a privatização de seus interesses como as demais particulares.

Já se afirmou que “a universidade somente poderá assegurar a sua existência material se conseguir dar a prova crível de sua utilidade para a sociedade”²⁴. Ela é antes de tudo uma universidade plena, com aquelas funções deste tipo de instituição de ensino superior. Qual o papel dos arqueólogos neste contexto institucional assim definido? Mais do que uma justificativa, trata-se aqui de destacar um dos maiores objetivos da Arqueologia. Os compromissos dos arqueólogos não se limitam às suas relações, já referidas anteriormente, com seus colegas e seus estudantes, mas incluem uma responsabilidade com a sociedade em geral. É no seio deste tipo de universidade plena, que os arqueólogos tem responsabilidades sociais da maior importância com o público. Em primeiro lugar a de produzir e preservar os múltiplos saberes gerados em seus cérebros e materializados nos livros e artigos que irão ter lugar nas prateleiras das bibliotecas da universidade. Nas contínuas interações profissionais entre seus membros e nas relações professor-aluno, os arqueólogos deverão realizar aquela que é a segunda função da universidade, a transmissão destes saberes, sempre postos à prova e à verificação, às novas gerações de jovens aprendizes. Finalmente, através da pesquisa, os arqueólogos desempenham aquela que é a terceira função da universidade que é a ampliação e o aprofundamento deste conhecimento produzido. Esta abertura de horizontes de nossos saberes nos lembram que “quando as fronteiras do saber recuam dia a dia, nenhum fato social ou cultural pode vangloriar-se de ser eterno. E são as universidades que traçam estas fronteiras e as repelem sempre”²⁵.

As universidades são o contexto ideal no qual os arqueólogos estão envolvidos no processo de assimilação do saber produzido, na sistematização dos conhecimentos científicos, na aplicação destes saberes aos novos problemas científicos ou às práticas disciplinares da profissão e, finalmente, na reflexão sobre as conseqüências de sua aplicação responsável²⁶.

Através das atividades dos arqueólogos na universidade a nova geração tem hoje condições de compreender o processo sócio-cultural de desenvolvimento no qual estamos envolvidos. Poderá, a partir destes saberes, repensar seu papel na sociedade contemporânea e projetar seu futuro, face às incertezas do devir. É nesta visão atual de universidade que o novo profissional da Arqueologia deste início de milênio irá desempenhar as funções de seu papel de ator social, como

²⁴ BERCHEM, Theodor. “A missão da universidade na formação e no desenvolvimento culturais: a diversidade no seio da universalidade”. *Temas Universitários* (PUCRS, Porto Alegre) 1: p. 39-41, 1992.

²⁵ Locus cit.

²⁶ Este tipo de análise tem produzido estudos alentados em outros países que passaram por transformações semelhantes. Veja-se, por exemplo, o livro organizado por François Bédarida, intitulado: *L' Histoire et le métier d' historien en France 1945-1995*. Paris, Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1995.

professor-pesquisador-orientador, mas ao mesmo tempo o seu papel de autor de seu próprio futuro, preparando uma nova universidade e a nova geração para seus destinos no novo milênio.

Muitas das atividades que uma universidade desenvolve, estão relacionadas a populações carentes, às quais se dá apoio graças às atuações de professores e alunos. Estas iniciativas podem ocorrer em diversas áreas (direito, saúde, educação, etc.) colocando à disposição da comunidade não apenas os elementos infra-estruturais da instituição como também a solidariedade dos professores, alunos e técnicos.

É também responsabilidade social dos arqueólogos compreender que temos compromissos sociais com a sociedade extra muros, mas suas relações com ela são de outra dimensão.

A sociedade em que vivemos tem uma relação cultural com o seu passado, e exerce uma demanda contínua e progressivamente mais forte, desde as décadas mais recentes, exigindo respostas para aqueles que são, juntamente com os historiadores, os “*senhores do passado*” ou “*donos da memória*”²⁷.

A sociedade busca no conjunto de seu passado uma forma de inteligibilidade que não está apenas interessada no passado, mas intenta igualmente compreender as vicissitudes e os dramas pelos quais passamos nas últimas décadas.

Esta é uma função capital do arqueólogo relacionada à construção científica da memória da sociedade, a serviço da qual colocamos – eticamente – as nossas capacidades de análise crítica das realidades materiais do passado remoto e do nosso presente próximo. O arqueólogo é chamado a prestar contas à sociedade, que lhe financia as pesquisas, e deve se posicionar e definir a sua atividade, sobretudo em relação “aos mitos, aos preconceitos e às deformações da consciência coletiva e da memória comum. Sem perder de vista que ele próprio contribui para a elaboração dessa consciência e dessa memória, uma vez que nisso consiste uma de suas funções vitais na sociedade”²⁸.

Não vemos aqui contradição de princípios entre este tipo de pesquisa, denominado por alguns como sendo “acadêmica” e a arqueologia de “salvamento”, nem mesmo entre a pesquisa “fundamental” e a “aplicada”²⁹, pois os arqueólogos das universidades tem demonstrado na prática que ambos os tipos de investigação podem ser realizados com sucesso. A universidade deverá preparar a nova geração, através de um ensino de arqueologia capaz de habilitar os arqueólogos do futuro com uma base de conhecimentos suficiente e necessária para o desempenho de

²⁷ FALCON, Francisco J. C. Apresentação. In: BOUTIER, Jean e DOMINIQUE, Julia. *Passados Recompostos: campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1998. p. 9-10.

²⁸ BÉDARIDA, François. Opus cit., p. 145-6. O autor menciona entrevista do historiador Georges Duby publicada no jornal *Le Monde* (23/01/1996).

²⁹ JORGE, Vítor Oliveira. Opus cit. p. 22.

múltiplas atividades, nos diversos territórios explorados atualmente por esta disciplina. Os novos arqueólogos deverão também, e cada vez mais, preparar-se para a prestação de serviços públicos, graças às importantes e crescentes ações da arqueologia de salvamento ou de contrato. Neste sentido, temos que reconhecer que a universidade, através das iniciativas de seus arqueólogos, está atualmente mais capacitada para a realização destas operações emergenciais, graças à infra-estrutura de seus laboratórios, a capacidade técnica de seus pesquisadores e de seus estudantes, bem como a possibilidade de rápida publicação dos resultados da pesquisa.

Este tipo de relacionamento universidade-sociedade é um dos mais importantes setores no qual os arqueólogos profissionais de uma instituição de ensino superior desempenham papel fundamental, muito além dos seus limites institucionais.

7. OS ARQUEÓLOGOS COMO LÍDERES UNIVERSITÁRIOS

Como profissionais universitários que somos, uma última função dos arqueólogos que deve ser lembrada é a liderança no estabelecimento de uma série de planos de atividades e de estratégias institucionais, na coordenação administrativa dos centros e laboratórios de pesquisa, na orientação de grupos de pesquisas e de projetos integrados, bem como dos projetos individuais de nossos orientandos. Muitas vezes, somos obrigados a assumir igualmente a administração de cursos de graduação e programas de pós-graduação, bem como de unidades, institutos e faculdades, nas instituições de ensino superior.

Orientando e coordenando as atividades de seus colegas e de seus alunos, o arqueólogo da universidade do novo milênio é capaz de assumir atividades de liderança, nestas importantes funções. Como líder, o arqueólogo deve ser capaz de, tanto no ensino como na pesquisa, desenvolver treinamentos, incentivar os trabalhos em grupo, ser um agente de mudanças e um elo de ligação entre os diversos setores da universidade³⁰. Atualmente ele deve exercer o papel de orientador das pesquisas individuais de seus orientandos, coordenando as atividades de seu grupo de pesquisa e dos indivíduos que o compõem. Esta função dos arqueólogos levou Rahtz³¹ a criar um tipo de arqueólogos, os “organizadores” da Arqueologia, encarregados de estabelecer nos bastidores e administrar a estrutura organizacional dentro da qual outros arqueólogos trabalham.

Em conjunto com nossos colegas das ciências humanas, podemos definir diversos planos para o futuro de nossas universidades, a partir da consciência da história recente de nossa trajetória, ou seja, de nossas experiências práticas e das

³⁰ ZILLES, Urbano. *O novo papel do dirigente universitário*. Porto Alegre, PUCRS, s/d, 4 p.

³¹ RAHTZ, Philip. *Opus cit.* p. 67.

reflexões teóricas que possamos ter sobre elas³². Se o controle coletivo da trajetória futura da instituição é uma necessidade, projetar o nosso devir deve ser uma atividade praticada pelos próprios arqueólogos. As reestruturações e reorganizações possíveis deverão ser definidas e continuamente avaliadas, interna e externamente, por procedimentos de todos aqueles que, pertencendo à comunidade universitária, tem autonomia no exercício das tarefas de ensino, pesquisa e extensão. Estabelecer os planos para o futuro implica, pois, em um trabalho integral dos profissionais cujo perfil foi definido acima. É a participação dos arqueólogos, como “cidadãos universitários plenos”³³ nos processos de decisão sobre o planejamento do futuro das universidades que poderão definir os rumos da nova geração.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM PERFIL PARA A FUTURA GERAÇÃO DE ARQUEÓLOGOS?

Nesta fronteira temporal que limita as últimas décadas do século 20 e o limiar de um novo milênio, os perfis de nossas universidades e de seus profissionais, entre os quais estão os arqueólogos, sofreram alterações extraordinárias³⁴. Não nos basta afirmar ingenuamente que as características e as funções das universidades e dos arqueólogos mudaram pouco a pouco e tornaram-se mais complexas, porque a própria sociedade se transformou. Como profissionais universitários ligados ao “métier” da Arqueologia, nós somos as pessoas melhor situadas para a realização de um diagnóstico, a partir dos pressupostos deste complexo jogo de interações e reações entre as nossas práticas recentes e as nossas reflexões.

É necessário ter a capacidade de compreender mais claramente as múltiplas variáveis que atuaram neste processo e o alcance destas mudanças, bem como seus reflexos nas múltiplas funções atuais do arqueólogo profissional, ao mesmo tempo pesquisador e professor universitário, bem como nas estruturas e funções das instituições superiores de ensino. Devemos, sobretudo, ter a capacidade de superar as visões demasiado simplistas, para não se dizer simplórias. Isto significa ter consciência clara das tensões e rupturas ocorridas tanto nas atividades que os arqueólogos atuais desenvolvem no interior das instituições universitárias, como nas relações que estes mantêm com a própria sociedade. Este diagnóstico é de extrema importância não apenas para a definição do tipo de profissional que temos, mas também do perfil que queremos para a futura geração dos arqueólogos, em nossos países, no milênio que se inicia.

³² KERN, Arno Alvarez. *Opus cit.*

³³ GIANNOTTI, José. *Opus cit.*, p. 82.

³⁴ KERN, Arno Alvarez. *Opus cit.*